

Um encontro possível

Psicanálise e Educação
Como ensinar o que é subjetivo?
Aprendizagem e Sedução
A dinâmica e as sutilezas do psiquismo humano
Só do prazer se obtém do aluno a disciplina e a vontade de aprender
Professores comprometidos, sem aulas estéreis e pasteurizadas
Desejo pelo saber, para construir novos saberes

Luciane C. Stern

Anos atrás, fui convidada a dar aula no curso de Graduação de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a disciplina chamava-se Psicanálise e Educação, e era oferecida para curso de Licenciatura. Era uma matéria eletiva oferecida aos alunos que desejavam se formar professores. A turma era um mix de alunos oriundos de diversos departamentos tais como: História, Matemática, Física, Química, Educação Física, Letras. Já no primeiro dia de aula verifiquei que a maioria dos presentes estava ali mais por uma conveniência de horário, ou para cumprir a meta da carga horária relativa às matérias eletivas, do que por um interesse genuíno na minha disciplina.

A Psicanálise não era para mim apenas uma matéria a ser ensinada, era uma condição e uma concepção de vida. Era uma linha mestre, por onde eu me guiava, onde o inconsciente era o verdadeiro senhor e o subjetivo comandava a cena. Como ensinar aos futuros professores de Educação Física, que, em geral, tinham foco no estudo do corpo objetivado e concreto, a importância de outro corpo – subjetivo e erógeno? Como ensinar àqueles alunos essa visão de mundo? Como ensinar a um futuro professor de matemática que nem sempre um mais um é igual a dois? Que a lógica, por vezes, pode ser outra? Essas e outras questões povoavam a minha mente.

No primeiro dia de aula, raramente a turma estava completa. No entanto, no segundo dia, todos estavam lá para ver “qual era da professora”. Os alunos iam fazer um reconhecimento da mestre e saber em que território estavam pisando. Entender como iriam se locomover dentro deste. Minhas regras eram claras. De acordo com a primeira delas, não haveria chamada. Portanto só viria quem quisesse e pudesse, mas estando ali não poderia conversar, pois isso perturbava muito. Afinal, a turma era grande e qualquer barulho já atrapalhava bastante. Dialogar com a turma me ajudava muito, pois me permitia ter um feedback do nível de compreensão que os alunos estavam tendo. E isso fazia com que nós, tivéssemos melhor interação. Eu gostava de olhar no olho do aluno, acompanhar seus pensamentos, ver que sentido extraia daquelas informações todas.

Estabeleci uma segunda regra: haveria duas avaliações, uma escrita e uma oral. Na escrita, pedia encarecidamente para os alunos não me enviarem lixo, senão para o cesto iria. Isso os deixava um pouco apreensivos, mas também não me considerava uma lixeira, para receber porcaria.

Material feito de qualquer maneira, copiado da internet, sem reflexões próprias dos alunos não me interessava. Ao longo do período letivo, meu objetivo seria o de ler os trabalhos um a um, tecendo comentários particularizados e orientando cada aluno sobre de que modo poderia se desenvolver. Assim em respeito, ao método da professora, eles também deveriam tomar os devidos cuidados na realização das tarefas solicitadas.

A avaliação oral, por sua vez, classificaria o envolvimento, o comprometimento e a participação do aluno no decorrer do semestre, referente a disciplina cursada. Ficou combinado, então, que cada aluno daria a si próprio uma nota, argumentando as razões de sua avaliação na presença dos demais colegas. Posteriormente, a turma e eu comentaríamos a nota. A partir das conclusões gerais a nota final era estabelecida. Essa parte causava frisson nos estudantes, atraindo, inclusive, alunos de outras turmas para assisti-la.

Apesar de as regras estarem expostas, faltava o principal. Eu precisava seduzir os alunos para que eles ficassem em sala de aula. Não desejava uma turma de sessenta alunos com trinta presentes, nem uma turma de trinta alunos com menos de quinze. A aprendizagem também se processa por sedução. Sendo assim, antes de ser professora eu era pescadora. Tinha que fisgar meus peixes-alunos. Precisava oferecer algo apetitoso, a fim de que eles mordessem minha isca e desejassem o alimento Psicanálise. Precisava instigá-los, criar uma demanda em



relação a importância que teria aquele conhecimento em um futuro próximo. Eles precisavam perceber que ali havia um alimento que lhes ajudaria a participar de forma diferente em sala de aula, a fazer uma interação singular com seus alunos e a compreender certas sutilezas do psiquismo humano.

Ser professor não é tarefa fácil, nem uma profissão como outra qualquer. Advém de uma grande paixão, obtida quando nos satisfazemos e nos encantamos diante do potencial de nosso aluno. Ser professor está além de uma simples transmissão de conhecimento. É ampliar horizontes, criar esperanças, é ser formador de outros cidadãos. Por isso, precisamos de professores comprometidos com sua tarefa, engajados, atuantes, criativos, firmes e simultaneamente amáveis, que amem o que fazem, pois é só do prazer que se obtém do aluno a disciplina e a vontade de aprender.

A maior fonte de respeito que um professor pode inspirar em seus alunos são suas qualidades humanas, afetivas e intelectuais. Aprendemos melhor com professores que amam o que fazem e o fazem com paixão, pois são esses professores que melhor seduzem seus alunos com o conhecimento. Precisamos de professores comprometidos e não professores neutros ou amorfos, com aulas estéreis e pasteurizadas.

Enfim, é necessário que o professor estimule no aluno o desejo pelo saber. É preciso que o professor convoque o aluno a vivenciar o grande prazer que é a obtenção do conhecimento. Só assim teremos uma sala de aula de alunos motivados e não alunos sentindo-se coagidos, obrigados a frequentar a sala de aula.

O conhecimento só produz mudanças quando se torna também conhecimento afetivo, ou seja, o conhecimento necessita fazer elo com a história e as vivências pessoais dos alunos. Só assim ele fará sentido para o estudante. Sendo assim, eu costumava perguntar para a turma: "Quem conhece alguém muito bonito, mas que se acha feio?", "Quem conhece alguém bem magro que acredita precisar de regime por estar se sentindo gordo?", "Quem conhece alguém de inteligência mediana, que, no entanto, vê-se como um sábio?", "Quem conhece alguma criança ou adolescente com coeficiente de inteligência alto, mesmo assim passando por dificuldades com a aprendizagem?". A resposta vinha sempre na forma de agitação em sala de aula, já que todos tinham um caso aparentemente "incompreensível" a contar. E eu permitia que eles os relatassem, para que um aluno contaminasse o outro com seu enigma - igual a um vírus que contagiava um por um.

Certas indagações a respeito de atitudes curiosas e incompreensíveis dos seres humanos tornavam-se compreensíveis à luz da psicanálise, permitindo assim a visualização da dinâmica que se operava no inconsciente. E que, na explicação da professora e no diálogo com a turma, apresentava seus efeitos visíveis, perceptíveis na relação do sujeito com o mundo.

Descobriam que havia um lugar que a eles escapava. A dinâmica do psiquismo humano poderia se tornar, a partir daquele momento, uma questão a ser desvendada. Só após os alunos terem criado, então, uma demanda de aprendizagem relacionada à minha disciplina, eu ensinava os conceitos básicos de Psicanálise e o que esses conceitos tinham a transmitir para os educadores. No fim, isso era de uma dureza danada, pois os estudantes aprendiam que só é educado apenas aquele que se deixa educar.

Sem dúvida, o começo era difícil. Havia ali diversas linguagens. Por vezes, diziam-me que não entendiam nada do que eu falava, mas aos poucos a situação ia mudando com aulas dinâmicas, sempre aproximando teoria e prática. Os integrantes da turma traziam exemplos, fatos, recortes de jornais e nos divertíamos muito juntos. A aula era animada e, com isso fomos angariando alunos ouvintes, aqueles que não estavam matriculados na disciplina, mas queriam participar de alguma forma.

Precisamos desenvolver em nossos alunos mecanismos de raciocínio e de apreciação de determinados conteúdos. Se você vê uma obra de arte, assiste a uma ópera ou vai a um museu, sem estar minimamente informada sobre o assunto, é parecido com o não ver, não ouvir, não assistir. Portanto, não concebia ter estudantes tão blasés, diante da maravilha do corpo conceitual da Psicanálise, cabendo a mim introduzi-los a fim de que eles pudessem apreciá-la.

É um desafio para a educação atual a formação de sujeitos autônomos, críticos, com capacidade de enfrentar as vicissitudes da vida, encarando suas dores e prazeres. Para além de uma escola com práticas educativas, repetitivas e padronizadas, poderíamos privilegiar uma educação que tivesse como referencial o prazer de aprender para sermos independentes, tomarmos decisões por conta própria, obtermos confiança em nós mesmos, liberdade de pensamento e poder compartilhar coisas com os outros ao nosso redor.

No fim, de um período letivo, um aluno de Educação Física nos contou ter aproveitado muito o curso. Ele era professor de patinação no gelo e disse que tinha uma aluna ótima em desenvoltura e técnica de patinação, mas que nos campeonatos não mostrava todo o seu potencial, ficando entre os últimos lugares do ranking. Isso muito espantava nosso professor e desesperava sua aluna.

Nossas aulas, porém, produziram algum efeito no método que esse professor utilizava com sua aluna. Ele disse que, a partir do que aprendeu na universidade, passou a interagir de maneira diferente com a patinadora. Os resultados, aliás, não demoraram a aparecer. No campeonato seguinte a aluna passou do vigésimo terceiro lugar para o quinto do ranking, o que segundo o professor, foi um feito inédito e extraordinário. Escapou-me o que se produziu nesta duplinha, entre esse professor e sua aluna. Mas o fato de o professor ter levado os conceitos da Psicanálise da sala de aula ao seu dia a dia, muito me orgulhou.

Enfim, devemos fornecer aos nossos alunos instrumentos que os permitam interpretar significativamente os conteúdos fornecidos. Que eles façam construções cognitivas mais amplas e ricas do que aquelas fornecidas em sala de aula, que tenham liberdade de pensamento e riqueza de experiência. Que o saber não se reduza ao saber por saber, saber para passar de ano, mas saber para construir novos saberes, uma inteligência criadora. Aquela que inventa o novo e introduz no mundo aquilo que não existia antes. Com isso, o foco muda de ensinar para o de preparar o aluno para os desafios atuais e futuros que terá pelo resto de sua vida.

Em tempo, Albert Einstein foi quem nos ensinou que nem sempre um mais um é igual a dois, uma gota mais uma gota não dá duas gotas e sim um gotão. Se assim é no campo físico, imaginem como é no campo psíquico...